

“RONDÔNIA: DA COLONIZAÇÃO À INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA”

DOI: 10.19177/rgsa.v9e22020825-835

Jerônimo Vieira Dantas Filho

MARTA, José Manuel Carvalho. **Rondônia: da Colonização à Integração Latino-Americana**. Cuiabá: Edufimt, 2018. 464p.

José Manuel C. Marta é doutor em Planejamento de Sistemas Energéticos pela Universidade Estadual de Campinas, e em sua carreira docente na UFMT, atuou na Faculdade de Economia, em cursos de graduação, especialização, e no mestrado em Agronegócios e Desenvolvimento Regional. Além disso, ocupou-se em atividades de pesquisa integrou a Cátedra em Desenvolvimento do IPEA. Desenvolveu projetos nas áreas de energia, logística, emprego e renda, indústria, meio ambiente e desenvolvimento regional sustentável. Atualmente, como professor aposentado, atua no Programa de Pós-graduação em História do Instituto de Geografia, História e Documentação da Universidade Federal de Mato Grosso, dedicando-se à pesquisa e à formação de mestres e doutores no Programa de Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da Universidade Federal de Rondônia.

Em todas as atividades que exerceu, principalmente naquelas relacionadas à sua área de conhecimento, o professor Marta se preocupou com o fato de haver poucas referências históricas em análises produzidas por estudiosos que trabalham com temáticas ligadas ao desenvolvimento regional. A resposta de Marta a essa pouca valorização da história e de outras áreas das ciências humanas é “Rondônia: da colonização à integração latino-americana”, fruto de seu amadurecimento intelectual e de sua visão crítica sobre desenvolvimento regional sustentável. Para tanto, produzir a obra exigiu do autor um trabalho difícil de “garimpagem”, no anelo de preencher as muitas lacunas existentes sobre aspectos importantes relacionados à

ocupação territorial e humana do atual estado de Rondônia, juntamente com os atuais estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Ao discorrer sobre os rios amazônicos, Marta (2018) apresenta a criação de povoações em suas margens e a circulação por suas águas de viajantes em intenso movimento, o que tornava estes rios e estas povoações ativas e vigiadas. Nesse movimento pelos rios analisou também o processo de expansão colonial acompanhando o ritmo das monções.

A força com que o capital entrou na região, principalmente a partir dos anos 1990, levou o autor a refletir sobre os imensos problemas advindos desse tipo de “progresso”, dentre os quais sérios impactos ambientais provocados pelas construções de usinas como Santo Antônio e Jirau, no rio Madeira, sem as devidas análises sobre os imensos danos que provocam, como perdas da biodiversidade e expulsão de moradores ribeirinhos e pequenos produtores.

Poucos são os estudiosos do desenvolvimento regional que se dedicam ao estudo de um tempo tão longo e com enfoque histórico tão marcante; o professor José Manuel Marta enfrentou a empreitada, e em sua busca por homens e mulheres, governados e governantes, recriou um passado e acompanhou as mudanças ocorridas ao longo do tempo centrando suas análises no atual estado de Rondônia. O autor ementa seu intento de pesquisador e cidadão, se constitui em importante contribuição ao debate sobre a ocupação da Amazônia, e será referência especial para estudos sobre o estado de Rondônia e sobre integração latino-americana, preenchendo uma lacuna importante sobre essas temáticas.

O livro supracitado está organizado em 15 capítulos com propósito de ampliar conhecimentos que fundamentam sobre o processo de Desenvolvimento do estado Rondônia, com base em estudos contextualizado e também na experiência histórica e geográfica do autor.

Capítulo 1 - O Rio Madeira, sem sombra de dúvida um rio que desde o surgimentos do primeiros povos da região contribuiu para o desenvolvimento local.

Capítulo 2 – Os espanhóis encontram o Rio Madeira, Marta (2018) argumentou fundamentalmente as conquistas espanholas na Amazônia brasileira, no primeiro século da chegada dos europeus à América, fenômeno ao qual se poderia chamar de “colonização”, tendo em conta sua primeira etapa conquistadora na América espanhola.

Capítulo 3 – Conquista portuguesa da Amazônia, a expansão portuguesa para além da Europa ocorreu no Atlântico, a partir do século XV, sob os auspícios da Ordem

de Cristo, cujos grão-mestres faziam parte da nobreza real, aceita pela burguesia, à qual se incorporavam judeus e cristãos novos.

Capítulo 4 – Missões e expedições: a abertura das rotas, a colonização, como se entendeu aquela que se fixou no Nordeste do Brasil, estava baseada na agropecuária e foi definida por ela. A agricultura da cana de açúcar e abastecimento, o engenho gerador de riqueza e acumulação, a intensidade populacional, com trabalhadores que importaram escravos e colonos brancos europeus, e a aculturação dos índios, que por resistência, muitas vezes, evadiram para o sertão, foram a marca dessa fixação inicial.

Capítulo 5 – A colonização do Oeste, os movimentos pioneiros do período colonial realizados por missões e expedições portuguesas, ao se considerar o objetivo de acesso dos desbravadores e conquistadores nas áreas dos rios afluentes do Rio Amazonas, como o Tapajós, Madeira e o Negro, tiveram a intenção de explorar a região e buscar as ligações por aquelas vias aos seus formadores. Estariam sendo buscadas regiões no interior do Continente, onde ocorriam as conquistas dos bandeirantes e os índios informavam haver metais preciosos, como ouro, no sertão do Cuiabá ou nos Goias.

Capítulo 6 – Ligação entre bacias: o rio Madeira e o Vale do Guaporé, Marta (2018) cita o trabalho de Capistrano de Abreu, ao publicar Descobrimiento do Brasil e Povoamentos, bem como Capítulos de História Colonial (1998), trouxe importantes informações relacionadas à chegada dos bandeirantes ao Rio Mamoré.

Capítulo 7 – Urbanização e economia do rio Madeira, o espaço do Alto Rio Madeira no século XVIII fixou a região como estratégica em função dos acessos que passou a proporcionar entre o chamado estado do Grão-Pará, por onde se expandiu a colonização portuguesa na Amazônia, nas Capitanias de São José do Rio Negro e a seminal Capitania do Grão-Pará, e outras regiões de importância econômica.

Capítulo 8 – A Amazônia e conquistas diplomáticas: de Utrecht a Roboré, a região estratégica do Rio Madeira apresentava-se no século XVIII como um território sujeito às condições negociadas pela metrópole portuguesa no período colonial, após o Tratado de Tordesilhas, antes mesmo dos descobrimentos. Sua situação era então similar à da Colônia do Santíssimo Sacramento, no extremo sul das colônias portuguesas da América do Sul, cuja permuta permitiu aos portugueses garantir sua fixação e colonização no Oeste, a fim de estabelecer novas regiões fronteiriças.

Capítulo 9 – Povoações, missões e Vilas do Madeira, o autor ementa o conteúdo baseando-se no trabalho de Porro (2007), a colonização portuguesa do Rio Madeira até a chegada da expedição de Francisco de Melo Palheta, em 1723, como se viu era pouco mais que algumas aldeias e missões de índios e jesuítas em seu trabalho de catequese, liderados pelo padre João Sampaio, ou San Paio, que vivia ao longo daquele rio e que viria a fundar na região as vilas de Santo Antônio, no espaço onde está Rondônia.

Capítulo 10 – Ciclo da seringueira e o aviamento, o fenômeno social mais impressionante ao longo século XIX, na perspectiva do desenvolvimento europeu, foi a tomada de poder político e social pela burguesia. Produziam tudo que pudessem e desse lucro, desde as coletadas matérias-primas extrativistas até os produtos finais embalados. Utilizavam, assim, minérios de ferro, cobre, cassiterita e entregavam máquinas e canhões.

Capítulo 11 – Modernidade: discurso do desenvolvimento no rio Madeira, a economia de base no gomífero látex que se aboletou nos rincões nas fontes, margens e bacias do Rio Madeira, na segunda metade do século XIX, trouxe consigo a modernidade à Amazônia.

Capítulo 12 – Recolonização na região do rio Madeira, os processos de ocupação e negociação diplomática ocorridos no longo período colonial e nacional permitiram incorporar espaços inimagináveis na região Amazônica aos domínios colonizados por portugueses. Fosse tal ocupação derivada do padroado, dos negócios mercantis extrativistas, havia o fato da imensa extensão territorial a ser mantida e conformada no Brasil.

Capítulo 13 – Colonização vigente, caracterizar a recolonização que ainda vem ocupando Rondônia e é remanescente e rescaldo daquela realizada por migrantes de todas as regiões brasileiras com grandes famílias ao longo do século XX. Difere das anteriores, pois aquela baseada em famílias extensas que se mantiveram desde a década de 1970 com altas taxas de crescimento ocupou áreas rurais depois de expulsas do sul pelo minifundiarismo e teve a conseqüente migração para o antigo Território Federal. Mas, principalmente difere da colonização baseada em homens que buscavam no trabalho – seringueiro, garimpeiro, militar, peão de obra, e outros.

Capítulo 14 – Rondônia: o discurso governamental de vendedor de peixe, na FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – foi realizado um seminário, bastante concorrido, chamado “Rondônia Terra de Oportunidades”,

patrocinado pelo Governo do Estado, com apoio da FIESP, SEBRAE, FIERO. Organizado pela empresa Valor Econômico Seminários, tinha como objetivo apresentar oportunidades de investimento do Estado de Rondônia aos empresários paulistas. Uma forma elegante de chamar investimentos, mas também procurar gerar empregos e atrair famílias para a região. Como nos outros estados da fronteira Oeste e da Amazônia, há nesse tipo de evento discursos similares, otimista e mantendo apoio ao agronegócio, na qual se exalta a atividades de pecuária e da soja com uma sempre alegada vocação. Nessa exaltação do agronegócio como base da sustentação e expansão do Estado, enfatizando como “meta o fortalecimento da cadeia produtiva de alimentos”

Capítulo 15 - A conclusão, como posfácio busca analisar os resultados obtidos com a obra de José Manuel Carvalho Marta. Assumindo concordância com Azevedo (1978), Menezes (2001) e Porro (2007). Estes autores também entenderam que havia um amplo sentimento de mudanças ocupando o país na integração da Amazônia.

Para análise crítica da obra com base na literatura, com clareza pode-se entender que poucos estudiosos brasileiros mergulharam-se nos contextos históricos mais ascendentes e profundos que definiram as atuais fronteiras nacionais e conflitos socioambientais, Teixeira (2008), Silva (2014) e o autor da obra resenhada concordam com esse ponto de vista. Sumarizando holisticamente, a literatura brasileira de modo geral, no tocante ao desenvolvimento regional da Amazônia, tem trazido em sua maioria conhecimentos e reflexões de conceitos contextuais pouco profundos, como comentado, mas vale destacar o contexto histórico dos povos originais e como os imigrantes os influenciaram nas questões sociais, porque as questões ambientais têm sido abordadas com significativa periodicidade. O livro sumarizado vem de encontro a essa realidade, aprofundando-se e preenchendo a lacuna citada a cima, bastante assertiva e pertinente.

O livro de Marta (2018) é uma obra que enriquece a literatura brasileira na área do Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente e áreas correlatas. Portanto, o resultado dos esforços do autor se materializa na obra resenhada, que apresenta a seriedade de sua incursão pela economia, história, geografia, literatura e pela antropologia, entre outras áreas, em sua busca pelo humano, por aquelas pessoas que fizeram e fazem parte dessas múltiplas realidades amazônicas.

REFERÊNCIAS

MARTA, J. M. C. **Rondônia: da Colonização à Integração Latino-Americana**. Cuiabá: Edufmt, 2018. 464p.

MENEZES, E. P. **Retalhos para a História de Rondônia**. Porto Velho: Rondoforms Ind. Gráfica, 2001. 377p.

PORRO, A. **Dicionário Etno-histórico da Amazônia Colonial**. São Paulo, IEB/USP, 2007. 198p.

SILVA, C. G. P.; COSTA, A. F. Um quadro histórico das populações indígenas no alto rio Madeira durante o século XVIII. **Revista de Antropologia**, v.6, n.1, p.110-139, 2014. Disponível em:<<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/1751> >. Acesso em: 28 ago. 2019.

TEIXEIRA, M. A. O rio e os tempos: reflexões sobre a colonização e questões ambientais no vale do rio Madeira entre os séculos XVIII e XXI. **Revista Saber Científico**, v.1, n.2, p.223-295, 2008. Disponível em:<<http://revista.saolucas.edu.br/index.php/resc/article/download/51/ED214>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

